

# Narrativas indígenas sobre os bairros “Xucurus” e Caixa d’Água em Pesqueira/PE: sugestões para efetivação da Lei nº 11.645/2008

## *Indigenous narratives about the neighborhoods "Xucurus" and Caixa d'Água in Pesqueira/PE: suggestions for realization of Law nº 11.645/2008*

Ivone Maria dos Santos Gomes<sup>1</sup>; Maria da Penha da Silva<sup>2</sup>.

### **Resumo**

O presente texto procura evidenciar as narrativas orais de indígenas moradores nos bairros “Xucurus” e Caixa d’Água em Pesqueira/PE, em contraponto a história da origem dos processos de urbanização da referida cidade, uma vez que esta história apresenta referências tímidas ou ignora o protagonismo dos indígenas Xukuru. O mesmo ocorre com a proposta curricular municipal para o ensino de História pensada para o 4º ano do Ensino Fundamental, que ao tratar sobre aspectos referentes à história local não levou em consideração as orientações da Lei nº 11. 645/2008 que determinou o ensino da História e Culturas Indígenas na Educação Básica nas escolas públicas e privadas no Brasil.

**Palavras-chaves:** História. Ensino. Povo Xukuru de Ororubá.

### **Abstract**

This paper seeks to highlight the oral narratives of indigenous residents in the neighborhoods "Xukuru" and Caixa d'Água in Pesqueira/PE, as opposed to the history of the origin of that city urbanization processes, as this history presents timid references or ignore the protagonism of indigenous Xukuru. The same applies to the municipal proposed curriculum for the teaching of history intended for the 4th year of elementary school, which the handle on aspects relating to local history did not take into account the guidelines of Law No. 11. 645/2008 that determined the teaching of history and Indigenous Cultures in Basic Education in public and private schools in Brazil.

**Keywords:** History. Teaching. Xukuru of Ororubá People.

---

<sup>1</sup> Especialista em Culturas e História dos povos indígenas pela Universidade Federal de Pernambuco, Campus Centro Acadêmico do Agreste, no ano 2016; graduada em História pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Caruaru –FAFICA. E-mail: [brigadacaruaru-pe@bol.com.br](mailto:brigadacaruaru-pe@bol.com.br)

<sup>2</sup> Mestre em Educação Contemporânea pela Universidade Federal de Pernambuco, Campus Centro Acadêmico do Agreste; Especialista em Culturas e História dos povos indígenas pela Universidade Federal Rural de Pernambuco, Campus Recife; professora na Rede municipal da cidade do Recife. E-mail: [dpenhasilva@gmail.com](mailto:dpenhasilva@gmail.com)

## 1. Os Xukuru nos processos de urbanização na cidade de Pesqueira

A povoação da área urbana de Pesqueira aconteceu em um cenário de disputas por afirmação político-administrativa com a antiga Vila de Cimbres. (SETTE, 1956). A Vila antes conhecida por Aldeia do Ararobá, habitada pelo povo Xukuru foi colonizada pelos portugueses no ano de 1654. Em razão de sua importância, Cimbres sediou a primeira Paróquia da Freguesia de Nossa Senhora das Montanhas, situada no então chamado Sertão pernambucano. Após mais de um século, em 1762 com nova organização política, administrativa e judicial foi criado o Senado da Câmara de Cimbres, sendo aquele povoado elevada à condição de Vila quando passou a abrigar a Comarca do Sertão (SETTE, 1956, p. 51).

Esse privilégio administrativo durou até o ano de 1800, quando o Sítio da Pesqueira – onde havia um “poço<sup>3</sup>” formado próximo à encosta da atual Serra de Ororubá, tornou-se um lugar atrativo para a comercialização de muitos produtos naquela região. Isso aconteceu por causa da administração de seus novos proprietários, o casal Manoel José de Siqueira e sua esposa, filha do Capitão-mor Antônio Santos Coelho da Silva (primo de Duarte Coelho). Ao se estabelecerem naquelas terras o casal passou a cultivar cereais e frutas, dedicando-se também a criação de gado e a construção da capela de Nossa Senhora Mãe dos Homens. (SETTE, 1956, p. 49).

O lugar ainda possuía água abundante e sua localização era privilegiada por ficar às margens da estrada para a cidade de Recife, servindo de intermédio entre o interior e a capital, servindo de parada para os viajantes que comercializavam tanto nos sertões como no litoral. Estabelecendo-se naquela localidade um mercado de troca de produtos. As relações comerciais importantes impulsionaram o surgimento de hospedarias e das primeiras ruas onde foram construídas algumas residências, depósitos de mercadorias e casas de pastos:

A frequência dessas visitas, dia a dia mais numerosas (...) serviu de motivo a que os brejeiros se acostumassem a descer, de quando em quando, as ‘serras’ úmidas trazendo os seus variados produtos agrícolas e os caatingueiros acorressem de toda parte levando os seus queijos e artefatos de couro, mercadorias que conseguiam trocar pelo pano de vestir, pelo querosene, pelos instrumentos vindos do Recife, tão necessários às atividades e à subsistência humana em ‘habitat’ rural (SETTE, 1956, p. 50).

---

<sup>3</sup>Termo usado para definir um pequeno reservatório natural de água que provavelmente resultava das águas pluviais que escorria da encosta da Serra do Ororubá.

Compreende-se que os “brejeiros das serras úmidas” eram os índios Xukuru, habitantes da antiga Aldeia do Ararobá, situada na Serra de Urubá, como era conhecida naquele período. Nesse sentido, entendemos que os Xukuru participaram e contribuíram para a constituição da malha urbana de Pesqueira desde suas origens. A esse respeito, pouco foi citada a participação dos indígenas nas atividades comerciais e nos processos da urbanização da cidade.

Como desdobramento desse processo de ocupação urbana, no ano de 1830 o sítio da Pesqueira, sobrepôs à Vila de Cimbres em sua posição política e econômica. Transformando-se em povoado e posteriormente passando a ser sede da Comarca do Sertão. Entre os anos de 1833 e 1836 o local abrigou algumas instituições antes pertencentes à Vila de Cimbres como a Escola Primária, o Batalhão da Guarda Nacional, o Senado da Câmara, o Governo Municipal e os presos da cadeia (SETTE, 1956, p. 51).

No ano de 1880, Pesqueira foi elevada a cidade chamada Santa Águeda de Pesqueira, tornando-se a 15ª cidade no estado de Pernambuco e a primeira no atual Semiárido. Em função do comércio, a população urbana continuou a crescer, sobretudo no final do século XIX e início do XX, quando as atividades comerciais mencionadas tiveram seu auge, e posteriormente decaíram, dando lugar à atividade agroindustrial, que também foi responsável pela formação urbana da cidade de Pesqueira:

(...) Pesqueira não mais parou de progredir. E a história de sua evolução urbana até os dias do presente, ora atravessando etapas de ritmo acelerado, ora curtos períodos de estagnação, deve ser dividida em duas diferentes fases a fim de ser melhor compreendida: a chamada fase do ciclo comercial e a do ciclo industrial (SETTE, 1956, 1956, p. 52).

O desenvolvimento da atividade agroindustrial em Pesqueira de certa forma provocou a estagnação das formas de comércio local até então estabelecidas. O início ocorreu com a chegada dos trilhos da Great Western, uma companhia inglesa que construiu ferrovias no Brasil e que na metade do século XIX conseguiu uma concessão para construir uma ferrovia em Pernambuco entre a capital Recife à Limoeiro. Sendo posteriormente, estendida até outras cidades do interior do estado, a exemplo de Caruaru e a São Caetano em 1895, Tacaimbó em 1896, Belo Jardim e Sanharó em 1906.

Pesqueira tronou-se um polo comercial importante, pois, os trilhos faziam a conexão entre os sertões pernambucano e paraibano e muitas pessoas vinham à cidade comprar

mercadorias como: couro, tecidos, ferragens, miudezas, chapéus e outros produtos. Aumentou a quantidade de lojas, armazéns e hospedarias. Pesqueira apresentou no século XX um movimento dinâmico em sua economia – caracterizado por uma rápida transição da atividade comercial para a industrial. Esse dinamismo econômico contribuiu para que as transformações urbanas e econômicas ocorressem na cidade. (SETTE, 1956, p. 62).

A goiaba era a fruta mais usual na fabricação dos doces, por ser comum àquela região, geralmente cultivada na Serra do Ororubá pelas famílias indígenas Xukuru, entretanto, não há referência direta sobre isso na história da cidade. O período industrial de Pesqueira alcançou o apogeu no ano de 1910, quando a produção dos doces diversificou-se. A Fábrica Peixe passou a utilizar na fabricação de doces não apenas a goiaba, mas também outros frutos que eram cultivados na Serra do Ororubá. Vale salientar que naquela região, havia água em abundância para o plantio de frutas, assim as famílias indígenas que ainda permaneciam em pequenos sítios eram as principais fornecedoras da matéria prima para as indústrias que se estabeleciam em Pesqueira (SETTE, 1956; GALINDO, 2007).

Expandiram-se também os bairros periféricos com habitações simples tratando-se das moradias dos operários, a maioria, indígenas Xukuru que migraram da Serra do Ororubá. Uma vez que os plantios da própria Fábrica Peixe continuamente reduziam as terras ainda habitadas por aquele povo indígena, que com suas terras invadidas deslocavam-se em busca de trabalho nas indústrias de laticínios e conservas que se instalaram na cidade (SILVA, 2008; GALINDO, 2007).

Foi a atividade de plantios e extração de lenhas para abastecer as fábricas que provocou o desmatamento naquela região, principalmente na Serra do Ororubá, resultando na devastação do solo, contribuindo no futuro para o declínio do setor industrial pesqueirense. Somado aos problemas ocorridos com o fornecimento de lenha, surgiu também os problemas com a escassez de água. Ao final do ciclo industrial em Pesqueira, a cidade alcançou um grande crescimento urbanístico. Atualmente, as ruas centrais ainda possuem a herança desse período representado pelas casas com suntuosas faixadas, as ruas asfaltadas, serviço de iluminação pública e água encanada. Aos pés da Serra de Ororubá os bairros periféricos como o “Xucurus” e Caixa d’Água continuavam a existir. Sendo povoado por famílias Xukuru do Ororubá, que geralmente foram ex-operários/as das fábricas na cidade.

Qual outra herança do período econômico representado pelo ciclo comercial e agroindustrial ficou para Pesqueira e seus habitantes? Quais os relatos orais Xukuru sobre esse processo?

## 2. A história dos bairros Caixa d'Água e “Xucurus”: as memórias Xukuru

Ainda no século XVIII, antes do *Sítio da Pesqueira*, existiu naquelas terras um poço formado pelo Riacho da Santana com muitos peixes. Em seus relatos os Xukuru habitantes na Serra de Ororubá afirmaram que caminhavam por um caminho entre a mata para chegarem até aquela localidade, onde realizavam a pesca dos “cardumes de peixes” para a alimentação. Essa estrada de terra e mato caminho próximo às encostas da Serra de Ararobá, segundo Iran Xukuru que ouviu relatos das pessoas mais velhas do seu povo, indicava ser aquele espaço onde atualmente está localizado o bairro “Xucurus”, na área urbana de Pesqueira:

Eu moro aqui no bairro “Xucurus” desde que nasci. Inclusive eu nasci mesmo aqui, nem deu tempo de ir para o hospital. Nasci de parteira. Os mais velhos diziam que aqui antigamente era o caminho por onde os índios passavam para ir lá ao poço. No poço da fazenda dos Siqueira. Era tudo mato aqui! Mato mesmo e terra.<sup>4</sup>

O relato torna-se importante por que revelou o trânsito dos indígenas onde atualmente é o bairro “Xucurus”, esses detalhes não são encontrados nos documentos históricos que discorrem sobre aspectos anteriores a expansão da área urbana da cidade. Nos escritos de Sette (1956), por exemplo, encontramos apenas registros desse bairro enquanto espaço periférico em formação. Nesse sentido, os relatos orais dos sujeitos implicados na história é importante por que “[...] há nele uma vivacidade, um tom especial [...] É das experiências de um sujeito que se trata; sua narrativa acaba colorindo o passado com um valor que nos é caro” (ALBERTI, 2004, p. 15).

A instalação da agroindústria na cidade provocou visíveis modificações na paisagem daquele lugar, uma vez que passou a abrigar as vilas operárias construídas pelos principais industriais da cidade. Essas vilas possuíam casas simples de alvenaria, situadas em ruas com infraestrutura precária, sem muitas divisões internas e quase sempre as paredes não eram revestidas. Como também o número de casas não era suficiente para abrigar todos os

---

<sup>4</sup>Iran Neves Ordônio, 37 anos, morador do Bairro “Xucurus”, Pesqueira/PE. Entrevistado em 22/04/2016.

operários, dentre esses os índios, pois muitos deles tiveram que construir suas casas distantes dessas vilas, e em condições ainda piores. Como relatou o Sr. Romero:

Meu pai e minha mãe desceu a serra para trabalhar na Fábrica Peixe. Por que lá na serra não dava para “botar o roçado”. Não tinha condição de criar animais ou plantar. Ai eles foram trabalhar para os Britos. Isso faz tempo, eu nem era nascido. Eu tenho 53 anos, veja o tempo que faz. [...] Quando o meu pai e a minha mãe veio morar aqui as casas eram de taipa longe das Vilas, saneamento não tinha e água na torneira também não. O povo tinha que ir busca água na cacimba, lá longe. Tinha as casas de alvenaria, mas a maioria era como lhe disse. Não tinha escola, não tinha posto de saúde, nada disso. Tudo isso apareceu depois, por luta do povo.<sup>5</sup>

Diante dos baixos salários pagos aos indígenas operários, não era possível esses morarem nas áreas centrais da cidade, restavam, os pequenos pedaços de terra na encosta da Serra do Ororubá onde construíram suas moradias dando maior extensão a ocupação nessa área que se tornou um bairro. Era conhecido como o bairro da Mandioca, que apresentava características parecidas as das vilas operárias:

O que eu sei é muito pouco. O que eu ouvi falar, é que aquele bairro abrigava os Xukuru que perdiam suas terras. Era um bairro pobre, com casas bem pobres. Não havia muitas condições. Água, saneamento básico, luz eram precários. Aquelas terras eram dos Britos, dos Siqueira, dos Teodoro. Pessoas ricas da cidade que não moravam lá.<sup>6</sup>

Posteriormente, a área ainda não habitada do bairro da Mandioca continuou a agregar os Xukuru que compram os chamados “chãos de casa” que “pertencia” à elite local. O local atualmente é conhecido como Caixa d’Água,

Na minha época. Na época que eu era menino, o Caixa d’Água surgiu assim: o povo vinha e comprava “um chão de casa” que era assim que se chamava, não era lote. Era o povo que descia lá da serra para a rua, ai comprava para ter uma casa de apoio. O povo comprava o pedacinho de terra a um homem chamado, Lídio Pedrosa, ele era o dono. Ele vendia assim: um pedaço a um aqui e a outro ali. Tanto é que você pode ver que as casas daqui não tem alinhamento. Por que não tinha regra para construção. Ai, as casas eram conhecidas pelo o nome do comprador. Ai o povo dizia: — Ali é a casa dos Melos ou a casa dos Pereira. Eram tudo índios que vinham lá da serra.<sup>7</sup>

Devido à significativa presença de famílias Xukuru naquela região periférica da cidade, parte do bairro da Mandioca passou a ser chamado Bairro “Xucurus” que atualmente faz divisa com o Bairro Caixa d’Água. As duas localidades passaram a abrigar muitos

<sup>5</sup>Romero José de Souza, 53 anos, morador no Bairro Caixa d’Água, [Pesqueira/PE](#). Entrevistado em 22/04/2016.

<sup>6</sup>Iran Neves Ordônio, 37 anos, morador do Bairro “Xucurus”. Entrevistado em 22/04/2016.

<sup>7</sup>Romero José de Souza, 53 anos, morador doo Bairro Caixa d’Água. Entrevistado em 22/04/2016

Xukurus operários, a principal mão-de-obra nas indústrias em Pesqueira. A formação dos dois bairros citados ocorreu somente por causa da proximidade com o local de trabalho, mas também ficavam situados no sapé da Serra do Ororubá, considerada pelos indígenas um território sagrado:

Os bairros “Xucurus” e Caixa d’Água possuem uma relação muito próxima com o povo Xukuru. A grande maioria da população ou é Xukuru ou casou com um Xukuru e foi lá viver. Historicamente o que se sabe é que quando a Fábrica Peixe começa o seu processo desenvolvimentista e suas atividades se expandem na Serra de Ororubá os índios ficaram sem espaço para viver e começaram a trabalhar nas fábricas da cidade. Já que na cidade tinha oportunidade de emprego. Apesar de não possuir muita qualidade de vida. Mas ai foram morar no bairro “Xucurus” e Caixa d’Água não por coincidência mais por saberem que esses locais ficavam próximos a sua antiga morada sagrada, a Serra de Ororubá.<sup>8</sup>

Embora as muitas famílias Xukuru tenham sido forçadas à abandonarem a Serra por falta de condições mínimas de sobrevivência, ocorreu um esforço para manterem-se próximas ao território de origem. Migrar para as áreas urbanas de Pesqueira significou para os Xukuru adaptar-se a uma vida diferente daquela na Serra, área rural do município. Havia a necessidade de uma interação maior com a população não indígena citadina. Nesse sentido utilizando-se dos conhecimentos e costumes de seu povo, o “Seu Zequinha”, atual Pajé Xukuru, foi morador do Bairro Caixa d’Água, onde se estabeleceu em 1990 e relatou como ocorreu essa interação com a sociedade não indígena:

Eu não posso falar mal do povo. O povo sabia que eu era índio, mas nunca me tratou mal por isso. Logo eu procurava viver bem com todos. Recebia na minha casa: mulher, homem, menino e menina que me procurasse. Me procuravam por que sabiam que eu rezava. Rezava o povo, como sempre rezei lá na Serra e rezava em todo lugar. Ainda hoje eu rezo. O povo me procura e eu não me nego.<sup>9</sup>

Entretanto, a aparente situação que caracterizava as boas relações sociais entre os Xukuru e os não indígenas em Pesqueira, como relatou Seu Zequinha, abalou-se no momento em que a população indígena que ainda morava na Serra, liderada pelo falecido Cacique “Xicão” e apoiada por parte das famílias Xukuru que moravam nos bairros Caixa d’Água e “Xucurus”, decidiram se mobilizar contra a espoliação do seu território de origem e

<sup>8</sup>Guilherme Magalhães, 28 anos, membro do coletivo Xukuru do Ororubá *Jupago Poya Limolayco* e morador no Bairro “Xucurus”, Pesqueira. Entrevistado em 29/04/2016.

<sup>9</sup>Pedro Rodrigues Bispo, conhecido como Seu Zequinha, 86 anos, Pajé do povo Xukuru do Ororubá, foi morador do Bairro Caixa d’Água. Entrevistado dia 23/04/2016.

reivindicavam a demarcação das terras no final da década de 1980. Como relatou o Sr. Romero:

Quando Xicão começou a organizar o povo para ir atrás das terras que eram nossas. Muitos que não eram índios aqui do bairro e de outros locais não acreditavam que a gente ia conseguir. Alguns diziam que a gente devia lutar, outros achavam errado, diziam que a gente estava indo atrás do que não era nosso. Alguns achavam que nós eramos aproveitadores. Ai tinham os que nos confundiam com os Sem-terra, nada contra eles, eu respeito os Sem-terra, mas acontece que nós não ocupávamos terras, nós retomávamos o que era nosso. E assim fizemos retomamos por que as terras eram nossas e foram tiradas pelos outros a força. Depois que nós conseguimos, ai alguns vizinhos que não eram índios começaram a nos respeitar.<sup>10</sup>

Os relatos dos entrevistados expressam experiências de interações diferenciadas entre os índios e os não índios moradores nos bairros Caixa d'Água e "Xucurus". Embora essas experiências ocorressem em um mesmo espaço e período, as impressões apresentadas pelos sujeitos evidenciaram uma vivacidade descontínua na história. Como afirmou Alberti (2004):

Em muitos casos, a entrevista de história oral nos acena com a chance, ou ilusão, de suspendermos, um pouco que seja, a impossibilidade de assistir a um filme contínuo do passado. Quando isso acontece é por que nela encontramos a "vivacidade" do passado, a possibilidade de revê-lo pela experiência do entrevistado. Não é à toa que a isso muitos dão o nome de história (ou memória) "viva". Mas concordamos todos que a impossibilidade de restabelecer o vivido é coisa dada. Não existe filme: sem cortes, edições, mudanças de cenário. (Ibid., p. 15) (aspado pela autora).

As memórias do Pajé Zequinha e do Sr. Romero expressaram uma história sobre o convívio entre índios e não índios no Bairro Caixa d'Água onde em determinado momento as relações sociais eram amistoso, em outro eram conflituosas. Não ficou evidente o porquê das relações entre os Xukuru e os não índios oscilarem em um curto espaço de tempo. Embora os relatos expressaram as experiências de vida, não apresentaram uma narrativa com características contínuas. Existiram lacunas nas memórias dos entrevistados que possibilitou outros questionamentos: quem eram esses não índios? O que sabiam ou ouviram falar sobre a história dos Xukuru? Como os Xukuru concebiam os não índios?

Atualmente existe uma relação de maior aceitação e respeito entre os Xukuru do Ororubá e os não índios em Pesqueira, como se percebe anualmente na Assembleia do povo Xukuru. É comum que a população não indígena residente nos bairros Caixa d'Água e "Xucurus", bem como de outras localidades na cidade de Pesqueira participem desse que é um grande evento:

<sup>10</sup>Romero José de Souza, 53 anos, morador doo Bairro Caixa d'Água. Entrevistado em 22/04/2016.

A relação do Povo Xukuru com a população de Pesqueira é difícil de definir. No início não foi fácil. Principalmente, no momento em que a Povo Xukuru que morava tanto na serra quanto na cidade iniciou o processo de sua reafirmação quanto índio. Algumas pessoas por serem elitista fizeram de tudo para negar a nossa identidade indígena. Dizendo que não havia sentido em dizer que éramos índios por que na cidade não havia mais índios. Mas com o passar do tempo começa a acontecer o inverso. Perceberam que tirar as terras das mãos dos fazendeiros e devolver aos Xukuru não foi um retrocesso para a cidade. E isso repercutiu inclusive na política. Hoje temos dois vereadores na Câmara da Cidade. Na assembleia que realizamos anualmente no Bairro Xucurus e que percorrem a cidade você percebe o envolvimento de toda a população que se junta a nós durante o Ato público.<sup>11</sup>

A partir do relato observamos que as relações sociais entre os Xukuru do Ororubá e os não indígenas, parecem favoráveis para criação de espaços de diálogos que venham contribuir com a desconstrução dos equívocos e silenciamento acerca da participação daquele povo indígena como sujeitos históricos na história local. Nessa perspectiva, compreendemos que o acesso ao conhecimento sobre a história dos bairros “Xucurus” e Caixa d’Água pelos não indígenas, pode ser importante para dirimir os preconceitos ainda existentes contra os indígenas. Sobretudo, pensamos a Escola como uma das instituições responsáveis pela produção dos conhecimentos históricos e também um espaço de refração das relações sociais onde se encontra instalada, podendo o currículo escolar ser um desses espaços de diálogos.

### **3. História local e o lugar dos índios: o que prever as atuais orientações curriculares municipais de Pesqueira?**

Pensando o currículo escolar como espaço de diálogos acerca da história local, observamos a proposta pedagógica do componente curricular de História para os anos iniciais do Ensino Fundamental na rede municipal de Pesqueira como um documento importante para ser analisado, tendo em vista que no mesmo encontramos orientações curriculares específicas sobre a História da cidade. Nesse sentido, optamos por discutir as prescrições curriculares destinadas ao 4º ano, por compreendermos que nessa fase escolar os discentes têm melhor domínio da linguagem escrita e falada do que nos anos anteriores. Assim, terão maiores possibilidades de compreender aspectos relacionados a História de sua localidade bem como os diferentes modos de viver nesse espaço.

---

<sup>11</sup>Guilherme Magalhães, 28 anos, membro do coletivo Xukuru do Ororubá *Jupago Poya Limolayco* e morador no Bairro “Xucurus”, Pesqueira. Entrevistado em 29/04/2016.

Partindo dessa perspectiva, observamos que a proposta curricular municipal para o ensino de História no 4º ano do Ensino Fundamental está organizada em quatro Eixos Temáticos distribuídos por unidades. Os respectivos Eixos são: “A construção dos vários espaços sociais”; “Noções de Administração Pública do município”; “Pernambuco, e (sua) construção social”; “Desenvolvimento dos Direitos Humanos e noções de convívio social”. Cada Eixo trazendo alguns conteúdos apresentando “Expectativas de aprendizagem”. O Eixo referente “A construção dos vários espaços sociais”, é o que mais nos chamou atenção, por se tratar de conteúdos relacionados à História da Cidade de Pesqueira como “o município, os espaços formadores, a cidade sede do município, o espaço rural, o município hoje, número de habitantes, a distribuição dos habitantes, as favelas e como vivem as pessoas”. (PESQUEIRA, 2016).

Esses conteúdos trazendo ainda algumas “Expectativas de aprendizagem” que mereceram a nossa análise, por exemplo: “Construir uma reflexão sobre o espaço rural e urbano formadores do município, permitir que o aluno reconheça as mudanças desses espaços ao longo do tempo e perceber o processo de desenvolvimento da cidade”. (PESQUEIRA, 2016). Observamos que ao reconhecer o espaço rural como parte geográfica do município, o respectivo documento curricular não mencionou a Serra de Ororubá, local onde surgiu o povoamento na região. Como também salientamos que aquela região tem um significado histórico relevante no processo da expansão do contexto urbano do município, sobretudo, com à presença e atuação do povo Xukuru.

Portanto, compreendemos que sendo aquele local o cenário do surgimento da cidade, a proposta curricular do ensino de História do município poderia estabelecer um diálogo com as orientações sobre os conteúdos relacionados aos povos indígenas, considerando essa peculiaridade inerente à história local. Pois da forma que estão expressas as “Expectativas de aprendizagem” relacionadas a esse conteúdo, foi apresentado de maneira bastante genérica e superficial, como visto na citação anterior.

Existem estudos, a exemplo dos realizados por Sette (1956), Silva (2008), Souza (1998), que apontaram aspectos históricos afirmando que o processo de colonização naquela região promovido pela Coroa Portuguesa no século XVII, iniciado onde atualmente estar localizada a Aldeia Vila de Cimbres e a partir das missões religiosas reunindo vários povos indígenas, dentre esses os Xukuru do Ororubá e posteriormente originando à cidade de

Pesqueira. Todavia, a proposta curricular municipal ignorou tais informações que enriqueceriam as discussões pedagógicas sobre as mudanças ocorridas naqueles espaços “rurais e urbanos”. Pois, o referido documento, também não sugeriu quais as mudanças precisam ser reconhecidas e os períodos históricos correspondentes, nem se referiu à importância de destacar os sujeitos participantes nas respectivas mudanças.

Outro conteúdo proposto nas prescrições curriculares nos chamou atenção “A cidade sede do município”. Esse conteúdo trouxe quanto “Expectativas de aprendizagem” o desenvolvimento de uma percepção sobre o surgimento da área urbana da cidade. Se a história oficial do município reconhecesse a importância da atuação dos Xukuru no “desenvolvimento” da cidade, essa “Expectativa de aprendizagem” seria um espaço de diálogos com as questões referentes às primeiras atividades comerciais que impulsionaram o processo de urbanização, onde também participaram os Xukuru e os viajantes do Sertão, no chamado Sítio da Pesqueira.

A “Expectativa de aprendizagem” citada poderia ainda favorecer a compreensão sobre o surgimento dos bairros periféricos da cidade, onde habita boa parte dos Xukuru na área urbana, sobretudo, nos bairros “Xucurus” e Caixa d’Água como mencionamos. Lembrando que o Bairro “Xucurus” antes de se constituir enquanto bairro era caminho dos índios que desciam da Serra de Ororubá para pescarem no poço situado no antigo Sítio de Pesqueira, como afirmou Iran Xukuru em seu citado relato.

Como também, seria importante enfatizar que a História dos referidos bairros está associada ao processo de industrialização que ocorreu de forma mais acentuada na cidade durante o século XX. Entendemos que essa compreensão seja importante para efetivar outras “Expectativas de aprendizagem”, a exemplo de “o desenvolvimento de uma percepção sobre o surgimento da área urbana da cidade.” (PESQUEIRA, 2016).

Nesse sentido, valeria a pena enfatizar que foi com o processo de industrialização na cidade de Pesqueira quando os bairros periféricos da cidade apresentaram maior crescimento demográfico e significativas mudanças na paisagem, como nos casos dos bairros Caixa d’Água e “Xucurus”. Nesse sentido, no que se refere ao conteúdo curricular “A cidade sede do Município”, vemos a possibilidade de problematização acerca dos processos de ocupação da periferia da cidade a partir da usurpação das terras indígenas associado ao processo de

industrialização que resultou na migração de famílias Xukurus que passaram a integrar a linha de produção das fábricas, dentre essas à conhecida Fábrica Peixe.

Embora compreendamos que a inserção de *conteúdos* ou “Expectativas de aprendizagem” na proposta curricular do Município abordando a participação dos índios Xukuru do Ororubá na formação da malha urbana e nas atividades econômicas da cidade de Pesqueira, contribuirão para a desconstrução do imaginário sobre os índios como habitantes apenas nos espaços rurais. Da mesma forma que são pensados como sendo os responsáveis apenas pela organização e manutenção dos mesmos, pois: “[...] embora os indígenas já não vivam apenas em áreas distantes e, vários deles, estejam muito próximos, fisicamente, dos centros urbanos, os significados sobre eles seguem, em boa medida, entrincheirados em concepções folclorizadas”. (BONIN, 2015 p. 01). Entretanto, na proposta curricular municipal nada foi mencionado a respeito dos aspectos históricos citados.

Tratando-se do ensino nas escolas municipais localizadas nos bairros Caixa d’Água e “Xucurus”, onde grande parte do público estudantil são indígenas Xukuru do Ororubá, bom seria se a proposta curricular municipal para o ensino de História do Município, em seus conteúdos ou mesmo em suas “Expectativas de aprendizagem” visibilizasse a história de construção desses bairros no contexto da formação da cidade e o protagonismo dos indígenas, enquanto primeiro moradores nessas localidades. Tal abordagem histórica certamente contribuiria para que fosse pensada em sala de aula a presença dos Xukuru no contexto urbano em Pesqueira. Dessa forma discutindo sobre a migração de parte daquela população para o contexto urbano, sem negar a sua condição de indígena, tendo em vista que não obstante em muitas situações, esse pertencimento étnico foi negado a partir da alegação que os indígenas deixaram de existir, tornando-se parte integrante da população não indígena na cidade.

A esse respeito, observamos que diante da proposta curricular municipal de Pesqueira, ensinar sobre a temática indígena permanece um grande desafio a ser superado. Sobretudo, quando se trata do ensino de História nas escolas próximas aos bairros “Xucurus” e Caixa d’Água no que se refere ao trato sobre as questões relacionadas às expressões socioculturais, a cosmologia e relações com a área urbana e rural na visão do povo Xukuru do Ororubá. É lamentável que a proposta curricular de História para os primeiros anos do Ensino

Fundamental, não expressem nenhum conteúdo tratando da existência desse povo indígena no município.

Embora a Lei 11.645/2008 tenha determinado o ensino a respeito da História e Culturas Indígenas, como também os PCNs (1997) recomendavam que as práticas pedagógicas nos anos iniciais tomassem como referências os estudos dos grupos indígenas locais, constatamos que o currículo municipal não oferecia nenhum suporte pedagógico para o professor de História discutir junto ao público estudantil essa temática.

No caso das crianças Xukuru do Ororubá que estudam nas escolas dos bairros Caixa d'Água e "Xucurus", no que depender desse documento não encontrarão suporte para reafirmar sua identidade no espaço escolar. Enquanto as crianças não indígenas não terão possibilidades de desmitificar visões a respeito dos Xukuru do Ororubá, que mesmo morando como esses alunos no mesmo contexto geográfico expressam maneiras de ser particular. Apresentando aspectos semelhantes ou diferentes da forma de viver dos não índios.

Entretanto, o currículo escolar municipal que poderia se constituir como um espaço de reconhecimento e respeito do povo indígena local, permanece silenciando o protagonismo dos Xukuru do Ororubá como sujeitos históricos e contemporâneos. Levando-nos a crê que:

[...] O currículo constitui-se como um texto racial na medida em que documentos oficiais que orientam e regulam as práticas curriculares, os materiais didáticos e paradidáticos, as atividades de comemoração de determinadas datas cívicas ou festivas, expressam narrativas que reificam a identidade dos grupos considerados dominantes, e folclorizam as diferenças e a identidade dos grupos considerados subordinados (SILVA, 2015, p. 103).

Uma vez analisado o currículo escolar municipal para o ensino de História, constatamos que ainda existe essa lacuna em relação à visibilidade da presença indígena na cidade de Pesqueira. Essa situação requer algumas proposições pedagógicas favoráveis às possibilidades de efetivação de diversas situações didáticas, a exemplo de aula de campo, pesquisas escolares, entrevistas com indígenas e antigos moradores nos bairros "Xucurus" e Caixa d'Água, elaboração de textos escritos e imagéticos e exposição das produções dos estudantes. Sobre essas possibilidades indicamos algumas sugestões pedagógicas a seguir.

#### 4. Sugestões de atividades pedagógicas

Para a realização de qualquer uma das atividades sugeridas, pressupõe que os/as professores/as reconheçam a necessidade de superar as formas convencionais de discutir os conteúdos relacionados à temática indígena em sala de aula. Como também é importante considerar que as crianças possuem conhecimentos prévios sobre os conteúdos, sobretudo quando se tratam de escolas localizadas em municípios onde habitam povos indígenas, como é o caso das escolas em Pesqueira, em especial as localizadas nos bairros “Xucurus” e Caixa d’Água. Onde quando as crianças que não são indígenas, mas provavelmente ouviram alguém do bairro onde moram, ou familiares falarem sobre aquele povo. Considerando essas situações, é importante que o/a professor/a iniciem as atividades pedagógicas referentes ao estudo sobre a temática indígena em sala de aula, coletando informações prévias das crianças sobre o que e sabem a respeito do referido assunto.

As respectivas atividades devido o nível de complexidade são mais adequadas às turmas dos 4º e 5º anos do Ensino Fundamental, considerando as crianças que geralmente frequentam essas turmas encontrarem-se na fase do desenvolvimento biossocial favorável à articulação cognitiva, abstração, oralidade, compreensão e interação com o meio onde vivem, de forma que podem contribuir com informações significativas para o enriquecimento das atividades.

Nesse propósito, o acesso aos conhecimentos prévios das crianças constitui-se prioridade como atividade inicial e pode ser motivado pelo/a professor/a por meio de uma *problematização*, como por exemplo, no caso de Pesqueira, apresentando os discentes imagens da Serra de Ororubá onde se localiza o território do povo Xukuru do Ororubá; como também imagens de algumas lideranças ou pessoas conhecidas na área urbana que seja membro desse povo indígena. Logo as crianças que estudam nos bairros “Xucurus” e Caixa d’Água contribuirão na realização dessa etapa inicial, trazendo fotos dos seus familiares para apresentar aos colegas. Possivelmente, essas crianças irão se sentir mais integradas à atividade e apreciarão terem suas identidades socioculturais valorizadas no espaço escolar.

Como parte da atividade inicial sugerida, o/a professor/a poderá provocar a turma com várias indagações, dentre as quais, algumas para as crianças pensarem sobre aquele cenário e

as expressões socioculturais dos indígenas habitantes, a exemplo de: alguém conhece esse lugar? A partir dessa imagem o que podemos perceber sobre esse Ambiente? Quais são os aspectos naturais que compõe essa paisagem? Vocês conhecem alguém que mora nesse lugar? Como são as pessoas? Como vivem? O que fazem? Será que trabalham? Se trabalham, em quais atividades? Será que estudam? Onde estudam? Será que tem crianças morando nesse lugar? Como são? Essas pessoas frequentam a cidade? Como se deslocam até a cidade? Quais as formas de contatos com as pessoas que moram na cidade? Quem conhece alguém do povo indígena morando na cidade? Onde mora? Como vive? Seguindo os diálogos a partir de outras questões que surgirem.

Durante esses diálogos é importante que o/a professor/a registre imediatamente todas as informações expressas pelas crianças. E posteriormente deixe-as fixadas em um lugar visível e de fácil acesso, para que as crianças percebam que seus saberes tem um lugar significativo na escola. Como também, favorecendo a condição de sujeitos históricos na produção do conhecimento escolar, na medida em que desenvolva o senso de responsabilidade e de cooperação no seu próprio processo de ensino e aprendizagem.

Consolidado esse momento de contato inicial com o assunto proposto, o/a professor/a favorecerá um contato mais efetivo e direto com a história do povo Xukuru do Ororubá, a partir do acesso e exploração de subsídios pedagógicos produzidos pelo próprio povo indígena, a exemplo de vídeos/documentários e do livro *Xukuru filhos da mãe Natureza*. Esse subsídio em especial pode ser encontrado nas escolas indígenas ou na biblioteca municipal, enquanto os vídeos são encontrados facilmente disponíveis na internet. Entendemos que a importância de se estabelecer uma aproximação com a história do povo Xukuru habitante na Serra do Ororubá, possibilitará uma melhor compreensão acerca da origem dos bairros “Xucurus” e Caixa d’Água e seu cotidiano atual.

Outra atividade para compor a sequência pedagógica seria a aula de campo nos respectivos bairros, onde a turma acompanhada pelo/a professor/a visitaria algumas famílias indígenas. Pois o contato direto das crianças com o meio é importante como situações que venham favorecer um aprendizado interativo e envolvente. Isso será possível desde que o/a docente elabore um planejamento com um roteiro da excursão pedagógica. Esse roteiro a ser discutido e organizado junto às crianças, a partir de critérios que correspondam ao acesso sobre a história local. Sendo considerados alguns aspectos sobre os membros das famílias a

serem visitadas, dentre esses aspectos, a condição física e social: pessoas idosas, lideranças indígenas, parentes de alguma criança indígena que estuda na turma. Em seguida estabelecer o contato e agendamento prévio com as famílias que serão visitadas.

É importante também, estabelecer os objetivos salientando que essa atividade não ocorra como um passeio eventual e sim como parte de uma sequência pedagógica. Onde durante a visita as crianças preocupem-se também em observar aspectos físicos que caracterizam os respectivos bairros, como as paisagens naturais e as construídas pelos seres humanos (arquiteturas das casas, os tipos de comércio, as áreas de lazer, se tem saneamento básico, os serviços públicos, dentre outros aspectos).

Durante o contato direto com as famílias selecionadas para as visitas, as crianças e o/a docente procurarão obter informações acerca dos bairros onde moram e sobre as pessoas e suas formas de viver. Nesse intuito elaborarão previamente algumas perguntas para compor um roteiro preliminar de uma possível entrevista. Essa entrevista deve conter algumas informações básicas sobre as pessoas entrevistadas (nome, gênero e idade) e questões relacionadas ao objetivo da excursão pedagógica.

Essas questões devem ser simples, porém abertas, para que os sujeitos envolvidos possam se expressar livremente, por exemplo: a quanto tempo moram naquele bairro? Porque vieram morar naquele local? O que sabem sobre a história do bairro? Como vivem? De que se alimentam? Como se relacionam com os outros vizinhos? Se trabalham? Que atividades desempenham? Se estudam no bairro ou em outro local? Se participam de alguma organização comunitária, como associação de moradores, grupo jovem, dentre outras? Qual o seu papel nessa organização? Se tem contato com os parentes que moram na área indígena? Se possível essa conversa deve ser registrada por meio de gravações de vídeos ou áudio com anuência das pessoas entrevistadas, para que as informações adquiridas possam ser acessadas e sistematizadas posteriormente.

A partir da atividade proposta, o/a professor/a poderá desenvolver junto à turma outras abordagens interdisciplinares, explorando conteúdos referentes às áreas de Geografia e Ciências. Em Geografia explorando aspectos relacionados às paisagens, os tipos de moradias, estruturas das ruas e as praças se existirem; limpeza urbana; saneamento básico; produção de renda e relações trabalhistas. Em Ciências explorando informações sobre hábitos alimentares e qualidade de vida; coleta de lixo procurando saber como acontece e se existem reciclagem,

como é o abastecimento de água, qual a qualidade da água, com qual frequência chega água nas residências do bairro, dentre outros conhecimentos.

Se o estudo de campo for realizado nas ruas próximas às escolas, além das crianças apropriarem-se de aspectos históricos e geográficos do bairro onde moram, terão a oportunidade de desmistificarem a ideia sobre os índios como povos habitantes apenas em áreas rurais, ou as florestas, ou como grupos que possuem a incumbência de “salvaguarda” os recursos naturais que esses lugares detêm. Favorecerá ainda à compreensão sobre o fato de alguns Xukuru do Ororubá habitantes em contextos urbanos não torna-os desmerecedores do reconhecimento de suas identidades indígenas.

Como também possibilitará a confrontação com as narrativas e imagens sobre os povos indígenas expressadas nos livros didáticos. Quando conforme Silva (2015), embora alguns desses subsídios pedagógicos tentem difundir a ideia de um país diverso, ao mesmo tempo exaltam os valores e as culturas ocidentais como hegemônicas, de forma a omitir ou minimizar as expressões socioculturais dos povos nativos. Ou ainda em muitos casos, negam a presença indígena na atualidade ou quando os reconhecem enfatizam os povos na Região Norte e Centro-Oeste. Quando se referem aos povos indígenas no Nordeste, quase sempre são associados à ideia de extinção ou da mestiçagem que se fundamenta na “perda” da cultura:

No caso do Brasil, a teoria da mestiçagem se encarregou de diluir as diferenças étnicas em um caldo cultural chamado de “a cultura brasileira”, em que as consequências disso para a educação formal foi à construção de programas curriculares de base comum monocultural, produção de subsídios didáticos que exaltam a ideia da mistura de raças como pressuposto para afirmar a “perda cultural” dos grupos indígenas (SILVA, 2015, p. 169). (Aspado no original).

Por esse motivo, as aulas de campo nos bairros onde habitam famílias Xukuru do Ororubá, favorecerão a aquisição de múltiplos conhecimentos sobre os povos indígenas. Pois, na medida em que ocorrer a sistematização e análises dos registros orais e visuais dessa atividade, os alunos irão perceber que o cotidiano dos indígenas apresenta características que fogem a forma romântica com a qual o índio ainda é descrito em alguns meios de comunicação ou em livros escolares.

Outra atividade para compor a sequência didática pode ser a produção de imagens fotográficas, gravuras e textos escritos. A fotografia em especial é uma ferramenta possível de ser utilizada no ensino de História. E como atualmente as crianças fazem uso de aparelhos

eletrônicos, a exemplo de: celulares ou máquinas fotográfica, tendo o domínio das chamadas novas tecnologias. Considerando isso, não será difícil durante a aula de campo produzir essas imagens. As crianças orientadas pelo/a docente fotografarão as pessoas entrevistadas, a rua e o bairro onde habitam durante a realização da atividade.

Posteriormente, essas imagens podem ser transformadas em recurso didáticas, mas para isso sugerimos que não sejam usadas apenas como ilustração do tema da aula de campo ou para seduzir as pessoas que irão ter acesso aos resultados do estudo realizado. A ideia proposta é: realizar leitura das imagens, relatando com a colaboração das crianças sobre o que queriam registrar ou expressar quando produziram aquela imagem.

A princípio pode ser que as crianças expressem certo estranhamento em relação à necessidade de dar explicações sobre uma imagem que aparentemente por si só é explicativa. Entretanto, esse movimento é importante para que percebam que todo registro sistemático é intencional e têm o objetivo de comunicar algo. O tema poderá ser ainda retomado a partir das discussões sobre “Bairros ‘Xucurus’ e Caixa d’Água: como vivem os moradores Xukuru do Ororubá? O que as imagens produzidas dizem?” De forma que as crianças percebam as imagens como documentos importantes por registarem situações vividas em tempo presente que logo se tornará passado. E ao rever as fotos os discentes lembrarão ou verão um passado que até então parecia desconhecido.

Será possível também estabelecer relações entre as imagens sobre os Xukuru do Ororubá produzidas na aula de campo e algumas imagens que se encontram em livros, jornais e revistas que retratam outros povos indígenas. Essa atividade contribuirá para perceber as diversidades entre os povos indígenas e ainda para desconstruir imagens estereotipadas, que circulam em periódicos e em livros a respeito dos índios. Como por exemplo, as ideias convencionais sobre os índios sem roupas e que vivem na floresta, da caça e da pesca.

Na continuidade das atividades outras indagações poderão ser suscitadas no universo das suposições: o que as imagens produzidas pelas crianças comunicam sobre os índios Xukuru do Ororubá para as pessoas que não os conhecem? Quais as impressões que desejam expressar para essas pessoas quando virem aquelas imagens? Será possível promover um laboratório de leituras de imagens pelas crianças que as produziram, direcionado a estudantes de outra turma. Afim dos alunos entenderem as possibilidades de produzir e circular informações a partir de imagens, ilustrações e fotos.

O laboratório poderá promover discussões sobre as situações e as imagens. A imagem relata uma situação vivida ou a intenção de quem a produziu sobre a situação? O aluno precisa compreender que a imagem, a ilustração ou a fotografia é uma *representação* da situação. Sendo necessário pensar qual é o papel da pessoa que produz uma imagem. O que deseja com essa ação podendo refletir sobre o bom ou mau uso das informações, das imagens no mundo contemporâneo.

Como sistematização das muitas informações que circularam, selecionar aquelas consideradas como as mais importantes. Nesse sentido, o/a docente mediará o processo relendo com os alunos as perguntas e respostas das entrevistas realizadas na aula de campo. Buscando entender sobre o que foi perguntado e o respondido, estabelecendo possíveis relações interdisciplinares com a área de Português. De forma que essa revisão resulte em uma síntese dos relatos orais dos entrevistados com referências ao que foi mais relevante. Tendo o cuidado para não tornar-se repetitivo.

Essas produções textuais juntamente com as imagens poderão compor uma exposição aberta ao público, onde a comunidade local juntamente com as pessoas entrevistadas possam se reconhecer na produção das crianças. Esse propósito exigirá um material impresso objetivo e de fácil comunicação. Nesse sentido os relatos orais poderão ser sintetizados em textos curtos, palavras chaves acompanhadas por temas pontuais como “O cotidiano dos Xukuru do Ororubá nos bairros ‘Xucurus’ e Caixa d’Água”. As imagens também deverão ter ao lado legendas que informem, a situação captada pela criança. Pois descrever as cenas e quem são as personagens também é um recurso importante para o uso das imagens na exposição. Esse espaço será aproveitado também para expor outros textos impressos ou midiáticos que informem sobre aspectos históricos e socioculturais do povo indígena local.

Sugerimos que as crianças estejam presentes para responderem perguntas dos visitantes. Nesse momento as crianças também colherão informações sobre a visão que os visitantes terão sobre os Xukuru do Ororubá, de forma a questioná-los, como por exemplo: se o/a visitante é Xukuru do Ororubá? Se o/a visitante conhece algum Xukuru do Ororubá que habita nos bairros Caixa d’Água ou “Xucurus”, ou mesmo na Serra de Ororubá? Essa dinâmica favorecerá um momento de interação entre crianças e os/as visitantes, expressando a intencionalidade existente na realização da atividade. De forma a promover uma aproximação ou uma identificação do público com o grupo indígena local.

Por sabermos que em algumas propostas pedagógicas o índio é apenas lembrado no dia 19 de abril, no “Dia do índio”, caracterizado de forma estereotipada, os alunos com penachos e pinturas corporais apenas, entendemos que as sugestões aqui impressas possibilitarão evidenciar aspectos do cotidiano indígena incentivando uma identificação das crianças com o povo indígena local, desmistificando imagens e discursos equivocados do senso comum e reproduzidos na escola.

### **Considerações finais**

O ensino sobre a História dos povos indígenas nas escolas públicas municipais em Pesqueira/PE se depara com algumas dificuldades: o despreparo docente, a falta de investimento por parte do poder público em formação continuada para esses/as profissionais, a ausência de planejamento institucional e subsídios pedagógicos nas escolas, uma vez que os/as professores/as contam apenas com os livros didáticos como subsídio mais usual, sendo esses inadequados para tratar sobre a história local. Com isso, existem ainda algumas escolas professores/as e propostas curriculares onde a história indígena é relacionada apenas às datas comemorativas, sendo o índio tratado como um ser do passado, caricato e extinto pelo processo histórico (SILVA, 2015).

Embora diante das dificuldades mencionadas, somadas a uma visão histórica local conservadora que elegeu como principais protagonistas personagens das famílias abastadas em Pesqueira/PE, em detrimento do silenciamento da participação dos indígenas na história daquela cidade, cremos que para romper com essa visão seja necessário vontade política e esforços coletivos dos gestores públicos, escolas e professores/as para produção de um conhecimento escolar que favoreça o acesso às versões “outras” da História.

Nessa perspectiva, pensamos que o ensino da história local, pode dispor das narrativas orais do povo Xukuru do Ororubá como primeiros habitantes e grandes conhecedores da história naquela região para complementar ou questionar as narrativas históricas que fundamentam a história daquela cidade. Pois, conhecer a história local a partir dos relatos indígenas é confrontar-se com várias possibilidades de releituras sobre os processos históricos que envolvem aquele povo na história do município.

## Referências

- ALBERTI, Verena. **Ouvir contar**: textos em história oral. Rio de Janeiro, FGV, 2004
- BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: História e Geografia**. Brasília, MEC/SEF, 1997. Disponível em: [www.mec.gov.br](http://www.mec.gov.br). Acesso em 10/06/2016.
- BANIWA, Gersem dos Santos Luciano. **O índio brasileiro**: o que você precisa saber sobre os povos indígenas no Brasil de hoje. Brasília, MEC/Secad; Museu Nacional/UFRJ, 2006.
- BERGAMASCHI, M. A; ZEN, M. I H. D; XAVIER, M. L. M. de F. (Orgs.). **Povos indígenas & Educação**. 2ª ed. Porto Alegre, Mediação, 2012.
- BRASIL, Lei n.º 11.645, de 10 março de 2008. Altera a Lei n.º 9.394, de 20 de dezembro de 1996 que estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. In: **Diário Oficial** [da] República Federativa do Brasil, Poder Executivo. Brasília, DF, 08/04/2016.
- BONIN, Iara Tatiana. Culturas indígenas na sala de aula-Encarte Pedagógico I. In: **Porantim**, Conselho Indigenista Missionário/CIMI, Brasília, DF, jan./fev. 2015, p. 1-4.
- COLLET, Célia; PALADINO Mariana; RUSSO, Kelly. **Quebrando preconceitos**: subsídios para o ensino das culturas e das histórias dos povos indígenas. Rio de Janeiro, Contra Capa Livraria; Laced, 2014.
- GALINDO, Betânia Flávia Cavalcanti. **A cidade das chaminés**: história da industrialização de Pesqueira. Recife, Faculdade Boa Viagem, 2007. (Dissertação Mestrado em Administração).
- PESQUEIRA, Secretaria de Educação de. **Currículo de Referência de História da Rede Municipal de Pesqueira**. Pernambuco, 2016.
- SETTE, Hilton. **Pesqueira**: aspectos de sua Geografia Urbana e de suas inter-relações regionais. Tese de concurso para provimento efetivo da cadeira de Geografia do Brasil do Colégio Estadual de Pernambuco. Recife, 1956.
- SILVA, Edson H. **Xukuru: memórias e história dos índios da Serra do Ororubá (Pesqueira/PE), 1959-1988**. Campinas, SP, UNICAMP, 2008 (Tese Doutorado em História Social).

SILVA, Edson; SILVA, Maria da Penha da. (Orgs.). **A temática indígena na sala de aula: reflexões para o ensino a partir da Lei 11.645/2008**. 2ª ed. Recife, Edufpe, 2016.

SILVA, Maria da Penha da. **A temática indígena nos anos iniciais do Ensino Fundamental: um estudo das práticas curriculares docentes em Pesqueira/PE**. Caruaru, PE, UFPE, 2015. (Dissertação Mestrado em Educação Contemporânea).

SOUZA, Vânia Rocha Fialho de Paiva e. **As fronteiras do ser Xukuru: estratégias e conflitos de um grupo indígena no Nordeste**. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 1992.

SOUZA, Vânia Rocha Fialho de Paiva e. **As fronteiras do ser Xukuru**. Recife: Fundaj, 1998.

WITTMAN, Luiza Tombini. (Org.). **Ensino (d)e História Indígena**. Belo Horizonte, Autêntica, 2015.